



STORYTELLING DA VIDA:

***Instagram* como acervo de memórias digitalizadas¹**

Roberta de Oliveira MONTEIRO²

Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM³

Resumo

Neste artigo, pretendemos analisar o aplicativo *Instagram* como uma plataforma que permite a digitalização e administração de lembranças por meio da postagem de registros sob o formato de fotos e vídeos. Para a realização de nossa análise, nos valem de estudos de cibercultura, refletindo sobre a constituição de subjetividades e estratégias de exibição do eu na *web* a partir de práticas, denominadas neste trabalho, de *storytelling* da vida. Como referencial teórico, nos valem autores como Zygmunt Bauman, Maria Cristina Franco Ferraz e Paula Sibilia.

Palavras-chave: comunicação; cibercultura; memória; *storytelling*; *Instagram*.

Ao longo da história, o homem desenvolveu diferentes técnicas de registro. Elas seriam uma forma de circunscrever a existência dos sujeitos no tempo, perdurando suas ações ao longo dos anos. Nas últimas décadas, com o surgimento de novos apetrechos e a difusão do acesso à aparatos tecnológicos, mais pessoas portam instrumentos que permitem a documentação de suas vidas.

Há um vasto campo de possibilidades no que diz respeito às manifestações das individualidades desses sujeitos, sendo que câmeras fotográficas, aparelhos celulares, computadores de mesa e *tablets* são apenas alguns exemplos que ilustram uma extensa gama de dispositivos para capturar e arquivar o vivido. Neste sentido, *sites* de redes sociais

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 7 - Comunicação, Consumo, Memória: cenas culturais e midiáticas, do 2º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado dia 14 de outubro de 2016.

² Recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela ESPM-SP, e-mail: roberta.monteiro94@gmail.com.

³ Trabalho orientado por Paola Mazzilli, doutoranda em Psicologia Clínica e em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Curso de Comunicação Social da ESPM - São Paulo, e-mail: paola@espm.br.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

atuam como plataforma que reúne estes conteúdos pessoais. Nelas, os sujeitos não só podem relatar suas vidas como também ter acesso à vida dos outros.

As discussões desenvolvidas neste artigo não terão foco nestes aparatos enquanto tecnologias em si, mas sim nas relações que se estabelecem (com e por meio destes recursos) a partir de seus inúmeros usos. Ou seja, buscamos uma reflexão acerca das mediações realizadas pelos sujeitos, tal como a rede de significados mobilizados por estes ao interagirem e criarem novas formas de comunicação de si.⁴

Considerando o exposto, as análises apresentadas neste artigo se valerão em torno dos possíveis sentidos atribuídos à registros fotográficos e em vídeo que alguns dos objetos mencionados permitem a captura. Abordaremos também a temática de seu armazenamento em plataformas de redes sociais, bem como a possibilidade de administração das próprias lembranças a partir da adição de registros pessoais nos perfis dos usuários dessas mídias. Para tanto, realizaremos uma análise do aplicativo *Instagram*, a fim de evidenciarmos os conceitos que serão articulados nas páginas a seguir.

Sobre o desejo de falar sobre si e ser notado na *web*

Está cada vez mais nebulosa uma suposta divisão entre os âmbitos público e privado, de modo que nos deparamos diariamente com relatos e registros de situações que antes se restringiriam ao lar. Neste contexto há, então, sensíveis mudanças na concepção de intimidade, exposição e, conseqüentemente, construção identitária.

Sibilia e Diogo (2011) argumentam que “há um deslocamento dos alicerces em torno dos quais cada sujeito edifica o que é, uma espécie de ‘deslizamento de dentro’ de si mesmo, para ‘fora’, ou melhor: para tudo aquilo que os outros podem enxergar” (SIBILIA e DIOGO, 2011, p.133). Na contemporaneidade, a diversidade de ferramentas disponíveis

⁴ Tal como sugere Martín-Barbero (2002, p.55), entendemos que “a verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

para publicização do “eu” permitem que cada sujeito compartilhe em detalhes para uma audiência *online* diferentes relatos de sua experiência de vida.

Sibilia declara que há, neste novo momento, uma proliferação de “personalidades alterdirigidas e não mais introdirigidas, construções de si orientadas para o olhar alheio ou “exteriorizadas”, não mais introspectivas ou intimistas” (2008, p.23). Uma das discussões trazidas pela autora é a de que registros pessoais compartilhados na *web* deixam de assumir somente uma função de captura e conservação de um momento e tornam-se mais mediados, performáticos e midiáticos.

Mais do que a perpetuação de um ou mais instantes, estas postagens seriam a concretização de um desejo de contar sobre si para o outro. Dentro dessa perspectiva, Matta afirma que “existir tornou-se algo da condição do registro *online* de fotos e mensagens nas redes sociais” (2012, p.227). Ou seja, “só me vejo, quando me mostro ao outro” .

Os *sites* de redes sociais seriam, então, lugares privilegiados para troca de experiências e relatos acerca da própria vida. Segundo Boyd & Ellison:

Sites de redes sociais são aqueles que permitem (1) a construção de um perfil público ou semi-público em uma determinada ferramenta; (2) a articulação de uma lista de conexões e (3) a possibilidade de ver e navegar nessas conexões disponibilizadas na mesma ferramenta (BOYD E ELLISON *apud* RECUERO, 2023, p.598).

Dentro dessa lógica, Sibilia explica que “o eu que fala e se mostra incansavelmente na *web* costuma ser uma tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem” (2008, p.31), de modo que o usuário que posta algum relato pessoal transita entre essas três funções. Este é o terreno propício para novos formatos de construções subjetivas, pois segundo a autora, “surge um tipo de ‘eu’ mais epidérmico e flexível, exibido nas superfícies das telas e da pele” (2008, p.22).

No contexto do cenário midiático contemporâneo, em que tornar-se visível ao outro parece crucial, a *web* se apresenta como a plataforma ideal quando queremos pesquisar a respeito de estratégias de visibilidade do eu. As conexões sociais estabelecidas em redes



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

sociais estariam, então, relacionadas à busca por relevância principalmente dentro deste meio.

Entretanto, é evidente que ao atualizarem seus perfis pessoais em alguma dessas plataformas, os sujeitos compactuam com suas especificidades e modos de funcionamento. Além disso, embora ofereçam a possibilidade de que todos poderão falar sobre si, os perfis que costumam permanecer por mais tempo em evidência são aqueles frequentemente atualizados, ou ainda mais comentados, “curtidos” e compartilhados, o que demanda certo empenho por parte desse eu que gerencia o que mostra e fala em primeira pessoa.

Organizando o vivido: redes sociais e a digitalização de memórias

O compartilhamento de um episódio vivido em uma rede social, seja através de uma foto, vídeo ou texto, pode ter como objetivo imediato a busca por interações com outros usuários. Todavia, temos observado consequências de outra ordem, entre elas o aumento exponencial da quantidade de informações circulando no ciberespaço ao longo dos últimos anos.⁵ Sibilia sinaliza que:

Dia após dia, de hora em hora, minuto a minuto, com o imediatismo do tempo real, os *fatos reais* são relatados por um *eu real* através de torrentes de palavras que de maneira instantânea podem aparecer nas telas de todos os cantos do planeta (SIBILIA, 2008, p.70, grifo da autora).

Em uma sociedade pós-moderna, em que se vive sob uma ótica de constantes mudanças e, portanto, incessantes novos recomeços (BAUMAN, 2008), parecemos não ter energia e tempo para usufruir e até assimilar a quantidade de informações que ali transitam. Estes arquivos que permanecem “suspensos” na *web* com o passar do tempo podem

⁵ “Infográfico mostra a quantidade de informações enviadas para a internet a cada minuto” Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/internet/25502-infografico-mostra-a-quantidade-de-informacoes-enviadas-para-a-internet-a-cada-minuto.htm>> Acesso em: 05/05/16



transmitir a sensação de que estão desconexos. Mas, nesse sentido, seria papel das redes sociais agrupá-los e conservá-los.

Reiterando a pertinência do conceito de *eu tríplice* de Sibilía (2008), observamos que estes sujeitos usuários de *sites* de redes sociais, enquanto “autores, narradores e personagens” do que postam, parecem realizar uma prática de *storytelling* quando contam digitalmente suas histórias. Trata-se de um conceito antigo, em que *story*, do Inglês, significa história, embora diferentemente de *history*, que possui a mesma tradução e certo compromisso com a veracidade do que é contado, diz respeito “a uma estrutura narrativa, geralmente ligada à ficção, mas não necessariamente relacionada a fatos reais”⁶.

A prática narrativa de *storytelling* seria uma estratégia de “atribuir significados emocionais à elementos técnicos por meio de um contexto”, segundo Bruno Scartozzoni, do *website Update or Die!*. Dessa forma, é como se as fotos, textos e vídeos presentes nos *sites* de redes sociais constituíssem a história que estes usuários escolheram contar sobre si, já que são inúmeras as técnicas de registro, edição, recorte e estilização oferecidas para incrementar um relato. O que podemos entender em nossas reflexões, é que quando encadeados em uma série de postagens, estes registros digitais sobre nós mesmos constituem o que aqui optamos por chamar de *storytelling da vida*.

Como expomos, a possibilidade de construirmos narrativas sobre a própria existência se dá em um contexto histórico em que as tecnologias estão imbricadas em complexas práticas de discursos identitários, e resultam em desdobramentos na maneira como nós, sujeitos, vivenciamos até mesmo passagem do tempo e a forma como lidamos com nossa memória.

Ferraz (2010), problematiza o paradoxo de estarmos na era da informação ao mesmo tempo em que parecemos compartilhar um medo do esquecimento, ressaltando que é como se houvesse, atualmente, uma erosão no sentimento de continuidade da vida. A

⁶ “*Storytelling* e Transmídia: afinal, o que é a para que servem?” Disponível em: <<http://www.updateordie.com/2011/03/17/storytelling-e-transmidia-afinal-o-que-e-para-que-serve/>> Acesso em: 30/04/16



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

autora afirma que “a lógica da produtividade, do curto prazo, tanto nas relações de trabalho quanto nas ligações pessoais, tende a curto-circuitar o sentimento de continuidade do vivido”.⁷

Neste cenário, parece tornar-se ainda mais importante a possibilidade de registrar momentos como “prova” de que se está vivendo. A criação e compartilhamento desses registros não seriam somente instrumento de interação com nossos pares na *web*, mas também um porto-seguro de nossas próprias subjetividades. A autora explicita um cenário até mesmo angustiante:

[...] solicitados a nos adequarmos à rapidez dos fluxos, à dissolução de perspectivas de continuidade, ao imediatismo produtivista também expresso na imediatez da produção e circulação de informação, somos cada vez mais tragados pelo esquecimento.⁸

Assim, a prática de *storytelling da vida* em sites de redes sociais que aqui tratamos poderia ser entendida como uma tentativa de driblar a descontinuidade e, portanto, o esquecimento ao qual todos estaríamos submetidos. Uma maneira de circunscrever no ciberespaço registros que evidenciariam uma vida espetacularizada, desejável e que representa qualquer coisa diferente da mesmice e do ordinário, que tanto tememos.

Se considerarmos que um momento vivido e postado permanecerá armazenado na *web*, encadeado cronologicamente de acordo com formato e exigências da plataforma em questão, é como se com o passar do tempo, em meio à adição de novos conteúdos pessoais, esta prática de *storytelling da vida* criasse um *arquivo digitalizado de nossa própria memória*, mais extenso na medida em que compartilhamos mais registros.⁹

⁷ Esquecer em tempos de tecla “save”. Disponível em:

<<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2952,1.shl>> Acesso em: 10/05/16

⁸ Esquecer em tempos de tecla “save”. Disponível em:

<<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2952,1.shl>> Acesso em: 10/05/16

⁹ É importante mencionarmos que redes sociais nem sempre cumprem a promessa de arquivamento permanente de informações, nos afastando muitas vezes do que já foi postado, ou ainda deletando permanentemente um relato. Mas deixando esta possibilidade de lado.



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

A adição de relatos pessoais nestas plataformas constituiria uma tentativa de catalogação de registros sobre nossas vidas. Enquanto plataformas que permitem o compartilhamento de fotos, vídeos e textos, estas redes seriam um serviço de *digitalização de memórias pessoais* e, também uma tentativa dos usuários de reter a própria identidade – mesmo que temporariamente. Sibilia afirma que:

Todo esse a-historicismo atual convive, de uma maneira aparentemente paradoxal, com uma sorte de obsessão pela memória. Ou, mais precisamente, uma apreensão face às suas possíveis falhas, um verdadeiro pavor suscitado pela terrível ameaça de que nossas lembranças possam ser apagadas (SIBILIA, 2008, p.116).

Estas memórias digitalizadas seriam um tanto quanto particulares, tendo em vista que cada rede social possui suas especificidades, oferecendo a seus usuários e porque não, consumidores, a possibilidade de criação de memórias moldadas conforme seu desejo. Estas seriam como lembranças personalizadas e customizadas da experiência vivida.

A possibilidade de administração das próprias lembranças se mostra sedutora, à medida que programas e dispositivos parecem oferecer a possibilidade de uma “memória otimizada”. Neste sentido, e assim como em filmes de ficção científica que abordam esta temática, Sibilia propõe que parece se consolidar uma promessa de controle sobre a memória. Esta seria, então:

Uma memória fotográfica e total – ou, pelo menos, de uma totalidade customizada, programada à medida para cada um. Algo que só é possível de ser pensado – e, talvez, também realizado – se a memória for informatizada. Pois ao permitir a *digitalização* dos “conteúdos mentais” e o processamento desses dados com a ajuda de computadores, são ultrapassadas as tradicionais limitações do organismo humano (SIBILIA, 2008, p.131).

Se por um lado as práticas de documentação de nossas vidas em redes sociais tornaram-se acessíveis para mais pessoas e potencializaram nossa capacidade de digitalizar nossas memórias, por outro nos vemos subordinados às características destas redes, bem como seu modo de funcionamento e possíveis falhas. Ilustraremos a seguir essa prática de *storytelling da vida* observada na *web* por meio da análise da rede social *Instagram*.



Instagram: acervo digital de nossos registros pessoais

O *Instagram* foi lançado em 2010 e é um aplicativo disponível para *download* e acesso a partir de *tablets* e aparelhos celulares que comportam os sistemas *iOS* e *Android*. Podemos dividir sua mecânica de funcionamento em cinco abas, que detalharemos a seguir. A primeira constitui a “*Home*”, ou página inicial, onde é possível acompanhar os conteúdos postados pelos usuários “seguidos” pelo dono do perfil em questão.¹⁰

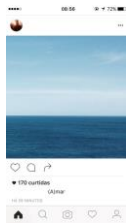


Figura 1 - Interface da aba “*Home*” do *Instagram*¹¹

Na segunda aba, denominada “*Explorar*”, é possível visualizar as postagens de usuários de todo o mundo que ainda não são seguidos pelo dono da conta. Tratam-se de postagens que poderiam ser do interesse do dono do perfil.¹² Por fim, nesta mesma interface há a opção “Procurar”, em que o usuário pode realizar buscas de palavras-chave, *hashtags*¹³, lugares e pessoas.

¹⁰ Na “*Home*” é possível “curtir” e comentar as postagens feitas pelos outros usuários, assim como acessar seus perfis pessoais. Os registros pessoais são ordenados de maneira cronológica, de modo que o conteúdo mais recente fica em evidência, mais próximo do topo da página.

¹¹ Acesso em 12/05/16

¹² A seleção dos registros presentes nessa página é realizada pelo próprio *Instagram*, não sendo possível exercer controle sobre as postagens ali exibidas.

¹³ *Hashtags* são palavras-chaves precedidas pelo símbolo cerquilha (#) utilizadas em algumas redes sociais da *internet* para reunirem um conteúdo referente à mesma temática. Disponível em: <<http://canaltech.com.br/o-que-e-o-que-e/O-que-e-hashtag/>> Acesso em: 05/05/16

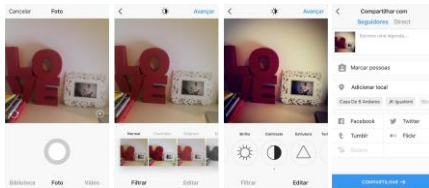


PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)



Figura 2 - Interface da aba "Explorar" do Instagram¹⁴

A terceira aba consiste no espaço destinado à produção de relatos visuais, que optaremos chamar de aba "Foto". É nela que os registros são produzidos e possivelmente editados.¹⁵ Há também a possibilidade de resgatar o arquivo que será postado do álbum de fotos do celular ou capturá-lo através do próprio *Instagram*.



Figuras 3, 4, 5 e 6 - Interfaces da aba "Foto" do Instagram¹⁶

A quarta aba é a de "Notificações". Nela, é possível acessar as últimas interações que outros usuários tiveram com as postagens do dono da conta (comentários, novos seguidores e curtidas), bem como as fotos e vídeos recentemente curtidos por quem o dono do perfil em questão segue.

¹⁴ Acesso em 12/05/16

¹⁵ Depois disso, é possível adicionar filtros (alterações estéticas que deixam a imagem com características de fotografias antigas) e ajustar a qualidade da imagem em um menu que disponibiliza regulagem de características como "brilho", "contraste", "saturação", "aquecimento" e "cor". Os últimos passos antes da postagem do arquivo consistem na possibilidade de adição de legenda, geolocalização (definição do local onde a foto ou vídeo foi capturado) e "taguemento" (vincular outros usuários do *Instagram* àquela postagem) dos "amigos" relacionados à postagem. Por fim, há a possibilidade de direcionar o arquivo para outros sites. São eles o *Facebook*, o *Twitter*, o *Tumblr* e o *Swarm*.

¹⁶ Acesso em 12/05/16



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)



Figuras 7 e 8 - Interfaces da aba "Notificações" do Instagram¹⁷

A quinta e última aba consiste no perfil pessoal¹⁸ do usuário em questão. Nesta interface podemos visualizar todo o conteúdo postado em seu *Instagram*, além do aplicativo exibir e disponibilizar acesso aos seguidores e a quem o dono da conta segue.



Figura 9 - Interface do "perfil" no Instagram¹⁹

O *Instagram*, portanto, parece se apoiar no fato de que mudou a maneira como nos relacionamos com fotos e vídeos. Há algumas décadas as memórias pessoais eram, em grande parte, conservadas no âmbito do lar sob a forma de registros fotográficos físicos, e sua contemplação era esporádica e também restrita às famílias. Além disso, somente uma pequena parcela da população tinha acesso aos mecanismos de registro.

Atualmente, o cenário é um tanto quanto mais dinâmico. Registros fotográficos são em sua maioria digitais e estas fotografias são arquivadas na *web* como um grande compilado de nossas experiências de vida. Agora, as fotos e vídeos eternizam os mais inusitados fragmentos do cotidiano dos sujeitos e estes documentos são estetizados com filtros e ajustes de qualidade de imagem.

¹⁷ Acesso em: 12/05/16

¹⁸ Também há as opções de visualizar a geolocalização das fotos publicadas, ver fotos em que o usuário foi marcado e configurar as informações do perfil.

¹⁹ Acesso em: 12/05/16



PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

Estes arquivos atingem um número maior de espectadores, e a possibilidade de acesso a vida dos outros não é motivo de constrangimento ou invasão de privacidade. Consiste, na verdade, em um indicador de “sucesso”, mensurado no *Instagram* a partir do número de curtidas, comentários e seguidores do perfil em questão, tema abordado com maior profundidade por Recuero (2012), quanto introduziu o conceito de capital social em redes sociais da *internet*.

No que diz respeito à visibilidade que cada usuário tem no *Instagram*, nota-se que para permanecer em evidência, conseguindo interações de seus pares, é necessário que a postagem de conteúdos nesta plataforma seja semelhante a um hábito, repetindo-se periodicamente. Isto se dá, pois, as postagens são encadeadas a partir de um parâmetro temporal que prioriza o que há de mais recente. Ou seja, para permanecer visível é necessário continuar postando.

Se pensarmos nestas postagens como um grande acervo digital de recordações, é como se quanto maior for a quantidade de registros adicionados, mais relevante é a existência daquele sujeito nos meios onde transita, já que vivenciou experiências dignas de compartilhamento na *web*. Assim, esta rede ordenaria, dentro de suas especificidades e temporalidade, as memórias do que vivemos e optamos por compartilhar com nossos “amigos virtuais”.

Embora outras redes sociais como *Facebook*, *Snapchat* e *Twitter* também tenham relevância no cenário comunicacional contemporâneo, o *Instagram* continua exercendo um grande papel, tendo em vista que todo conteúdo que é inicialmente compartilhado nele pode ser redirecionado para essas outras plataformas.

Finalmente, esta rede se apresentaria a seus consumidores como um grande banco de memórias digitalizadas, arquivando registros pessoais ao longo do tempo e evidenciando o *eu* que optamos por construir em nossos perfis digitais. Seria também uma espécie de **gatilho de nossa memória**, uma vez que para nos lembrarmos de quem mostramos ser ou nos reconectarmos com momentos passados, bastaria rever postagens antigas.



Considerações finais

Neste artigo, nos propomos a fazer uma análise do aplicativo *Instagram* enquanto banco de memórias digitalizadas. Nosso texto se valeu de temas recorrentes em estudos sobre cibercultura, de modo que abordamos a constituição das subjetividades na contemporaneidade e também as redes sociais como plataformas que arquivam registros pessoais de nossas experiências de vida. Para isso, nos baseamos em conceitos apresentados por autores como Bauman (2008), Ferraz (2008), Sibilia (2008) e Recuero (2012).

Com a digitalização de memórias no *Instagram*, os sujeitos constroem, a partir da prática de *storytelling da vida*, verdadeiras narrativas sobre suas histórias. A possibilidade de resgatar estes registros parece constituir um disparador para suas próprias memórias, o que seria uma espécie de reconexão com a própria identidade.

Em outros trabalhos sobre essa plataforma, abordamos que esta rede social já foi, inclusive, utilizada em procedimentos médicos.²⁰ Tudo isso revela um novo cenário para se pensar sobre as tecnologias da comunicação e potencialidades humanas.

Por fim, ressaltamos que este estudo se mostra pertinente em um momento em que a produção de subjetividade está, como nunca antes, imbricada em práticas de produção de conteúdos pessoais para compartilhamento na *web*. Sendo assim, os assuntos abordados neste artigo visam contribuir com uma reflexão preliminar a respeito desses acervos da vida, que apesar de cada vez mais robustos e sobrecarregados de memórias, sempre podem ser expandidos. Afinal, em que outro lugar poderíamos experimentar ao máximo a capacidade de armazenamento de memórias da vida se não no arquivamento de registros pessoais na *internet*?

²⁰ Para maior aprofundamento nessa discussão, ver “Memória digitalizada: revivendo a prática de storytelling da vida por meio do Instagram”

Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2131-1.pdf>> Acesso em: 10/05/16



Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis**: corpo, percepção, esquecimento do Século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

_____, Maria Cristina Franco. **Corpo, cérebro e memória na era da tecla save**: Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças. Em: Educação e Realidade. Janeiro, 2008. Páginas 181 – 192.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes**: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MATTA, J. O. S.: **Mal-estar na adolescência**: jovens de agendas lotadas nas redes sociais. São Paulo: PUC, 2012.

MONTEIRO, Roberta; HOLTZ, Ana Catarina; MAZZILLI, Paola: **Memória digitalizada**: revivendo a prática de storytelling da vida por meio do *Instagram*. Em: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 6 de setembro de 2015.

RECUERO, Raquel: **O capital social em rede**: Como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. Universidade Católica de Pelotas, Centro de Educação e Comunicação. Setembro a Dezembro de 2012.

SIBILIA, Paula: **Show do Eu**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

_____, Paula e DIOGO, Ligia: **Vitrines da intimidade na internet**: imagens para guardar ou para mostrar? UFF – Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2011.